



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

“GRAAAAANDE BROTHER”: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS ENSAIOS NUS DE HOMENS NEGROS NA G MAGAZINE (2000-2007)

Abel Calisto Bendito

INTRODUÇÃO

“Graaaaande Brother!”: é assim que Iran Gomes, homem negro retinto, carioca, ex-participante do *reality show* Big Brother Brasil 6, compositor de samba e ator, é apresentado aos leitores da revista G Magazine (1997-2012) no título de seu ensaio nu presente na edição nº 113, lançada em fevereiro de 2007. Foi a partir deste ensaio, estampado nessa edição da G Magazine – considerada uma das mais consumidas formas de Imprensa LGBTQIA+ no Brasil e destacada nesse meio por sua longevidade – que nasce a inquietude que dá origem a este estudo.

Encontro o ensaio de Iran Gomes durante meu ano enquanto bolsista do Projeto de Iniciação Científica “Tamanhos, cores, formatos: uma história do pênis como pedagogia das masculinidades (1979-2012)”, orientado pelo Prof. Dr. Paulo Souto Maior na Universidade Federal da Paraíba. Após essa edição, encontro outros números da G Magazine, lançadas entre janeiro de 2000 a dezembro de 2007, que contém ensaios nus de homens negros refletindo representações semelhantes que comumente estão associadas a uma exotividade dada como natural a esses corpos. Assim, é esse *corpus* de nove edições da G que será analisado neste estudo – edições nº 28, nº 32, nº 38, nº 41, nº 109, nº 113, nº 115, nº 117 e nº 123.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa adota a abordagem dos estudos culturais, especialmente em sua vertente pós-estruturalista, assumindo os pressupostos de que o discurso não apenas representa a realidade, mas também a constitui, e que os sentidos de gênero e racialidade atribuídos aos corpos, como ficções somáticas das sociedades humanas, possuem historicidade,

sendo impostos, instáveis, recriados e disputados (Louro, 1999). O objetivo da análise é discutir as representações de homens negros nas revistas selecionadas, estranhando a naturalização de estereótipos sexuais que perpetuam em parte ou completamente ideias racistas do imaginário patriarcal branco acerca de corpos negros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O sistema de representação racial analisado neste estudo é carregado de uma operação denominada por Stuart Hall (2016) como estereotipagem, que trabalha com a construção de “tipos” para a demarcação de diferenças fixas, a exclusão de narrativas que não se encaixam nesses “tipos”, isto é, estereótipos, dividindo-as entre aceitável ou inaceitável, além da corroboração do fetichismo e da fantasia sobre tais estereótipos. A “hipervirilização” através dessa estereotipagem do homem negro, desenvolvida pelo sociólogo brasileiro Henrique Restier (2024), é um dos estratagemas mais importantes na distorção ideológica de corpos masculinos negros. Dessa forma, a revista G Magazine é abordada enquanto produto de um vasto sistema de representação composto, dentre outros elementos, de ideias sobre masculinidades negras e os corpos de homens negros (hooks, 2019; 2022).

Desde que o pensamento interseccional nos leva a reconhecer as avenidas identitárias que atravessam os corpos, o estudo se vale aqui desta ferramenta analítica originada no centro do feminismo negro. A interseccionalidade nos possibilitará a compreender como um meio da imprensa LGBTQIA+ pôde existir enquanto forma de afirmação da identidade gay brasileira e, simultaneamente, produzir imagens que corroboraram estereótipos racistas, assim como normatizaram o desejo homossexual privilegiando certos corpos masculinos em detrimento de Outros (Akotirene, 2021).

Segundo a intelectual brasileira Sueli Carneiro (2023), o dispositivo de racialidade permite à branquitude brasileira construir-se enquanto único sujeito possível. Assim, a superioridade hegemônica do branco só pode ser afirmada em contraposição com o Outro, nesse caso, o negro, negando-o a existência e a subjetividade ao dispor de diversos elementos constitutivos de assujeitamento e subordinação. Vemos aqui essa faceta da racialização na negação das subjetividades a corpos masculinos negros. O homem negro não pôde, na quantidade majoritária dos ensaios, ser representado de formas que não fossem referências à masculinidade negra hipersexualizada e a estereótipos raciais. Nas edições nº 28, 32º, e 41º, que possuem ensaios de capa protagonizados por Robson Caetano, Créo Kellab e Reinaldo, tanto o atleta como o ator e o cantor foram representados “desbravando” a natureza, enquanto em

edições analisadas durante a pesquisa do PIBIC que trazem ensaios com modelos brancos, são apresentadas possibilidades quase infinitas de representações, quer utilizando de elementos reais, como suas profissões, ou de elementos fantasiosos, que narram fantasias eróticas não limitadas pela branquitude (pelo contrário, possibilitadas por ela).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a revista G não é apenas o produto de um sistema de representação de masculinidades, se configurando também enquanto produtora destas representações, simultaneamente se alimentando do discurso patriarcal branco acerca dos homens negros e produzindo novas imagens imbuídas desse discurso no imaginário do público leitor. Segundo Stuart Hall (2016), os estereótipos funcionam em diversos níveis da sociedade assim como o próprio poder, ou seja, as representações estereotipadas não funcionam apenas “de cima para baixo”, mas são circulares e operam em micro níveis, como podemos notar na utilização, por parte da revista, de estereótipos raciais como a figura do “negão”, do “selvagem” e do “malandro” para representar os homens negros.

Tal construção imagética, além de reiterar ativamente estereótipos racistas de longa duração, também participa do regime de visualidade da imprensa LGBTQIA+ comercial, na qual a diversidade aparente (ao incluir modelos negros) é, na prática, submetida à homogeneização de estereótipos raciais. Enquanto instrumento da pedagogia da sexualidade, assim como muitas mídias *mainstream*, as páginas da G Magazine ensinam o desejo erótico do público-leitor por homens negros através de estereótipos raciais hipersexualizantes, ensinando também a homens negros gays que este é o caminho para a afirmação de sua masculinidade (Connell, 1995).

Palavras-chave: Homens Negros. LGBTQIA+. Masculinidade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CONNELL, Raewyn. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, vol. 20, n. 2, 1995, p. 185-206. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952].

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016 [1997].

HOOKS, Bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Tradução: Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022 [2003].

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019 [1992].

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

RESTIER, Henrique. O Duelo Viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. *In*: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo Ribeiro de (Org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Hucitec, 2024.